

IX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE CONSUMO

21 A 23/11/2018, ESPM, Rio de Janeiro, RJ

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO JOVEM EM RELAÇÃO AO  
EMPREENDEDORISMO E NOVAS PERSPECTIVAS DE TRABALHO.

GT 02. CONSUMO, INCLUSÃO SOCIAL E NOVAS CONFIGURAÇÕES  
SUBJETIVAS

Lidia Alice Medeiros  
Doutora em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ)  
Professora Adjunta - UNISUAM

Patrícia Gonçalves  
Doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ)  
Professora Adjunta - UNISUAM

Este paper investiga a inclusão do empreendedorismo entre as alternativas de inserção no mercado de trabalho e mobilidade social de estudantes universitários. Tomando como ponto de partida a sociologia à escala individual (LAHIRE, 2005), busca-se trazer à tona as disposições, os esquemas mentais, práticas, discursos, herança social, que orientam a decisão e movem as ações de três universitários ao empreender. Os casos selecionados serão objeto de um estudo em profundidade através da realização de entrevistas e observação das atividades à frente dos empreendimentos. O eixo de convergência das experiências relatadas é a identificação de jovens empreendedores na disciplina Empreendedorismo e Cooperativismo, incluída na grade curricular do ciclo básico dos cursos de graduação da UNISUAM desde 2009, a partir da qual foi possível identificar um grupo de estudantes que se lançou na tarefa de vislumbrar uma oportunidade e de gerar um novo negócio. Para a realização de tal empreitada utilizaram a experiência na disciplina como orientação para a criar o empreendimento, reposicionaram atividades já exercidas ou, ainda, levaram o projeto desenvolvido no âmbito da disciplina para o mercado. O debate acerca do empreendedorismo como alternativa social para as camadas pobres tem se avolumado e trazido novas perspectivas interpretativas a respeito da inclusão/exclusão das classes populares à sociedade de consumo. Trata-se de analisar as trajetórias em foco como tipos-ideais do que Souza (2010) chama de “nova classe trabalhadora brasileira”, uma classe que se caracteriza pela inserção na economia de forma autônoma, autossuficiente, “como produtora de bens e serviços valorizados, ou como consumidora de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio das classes média e alta” (Souza, 2010, p.26). Muitas vezes sua trajetória inclui a busca de formação universitária aliada ao trabalho, à gestão de pequenas empresas ou à prestação de serviços terceirizados, caracterizando-os, como “batalhadores/empreendedores” (idem, p.56). A análise das disposições dos universitários/batalhadores/empreendedores se realizará através da reconstrução de suas motivações e comportamentos em três aspectos principais: disposições para desenvolver o “espírito empreendedor” (CHIAVENATO, 2007), entendido como um conjunto de características que conduzem à geração de novos negócios: resiliência, disposição para correr riscos, autonomia, alto grau de inconformismo, foco em realizações; disposições administrativas e gerenciais, através do levantamento das experiências profissionais prévias, capacitação, planejamento, organização à frente do negócio; e disposições acadêmicas, as perspectivas de articulação da formação/carreira acadêmica com o projeto empreendedor. O propósito deste debate é contribuir para o aprofundamento da reflexão a respeito das novas tendências do mundo do trabalho, “porque a alocação e o regime de trabalho são realizados de modo novo, de modo a ajustá-los às novas demandas de valorização ampliada do capital financeiro” (SOUZA, 2010, p.56). Este novo regime singulariza-se pelo uso das novas tecnologias como plataformas de negociação e oferta de produtos/serviços, e regimes de trabalho altamente flexíveis e intensivos, característicos do comportamento da “nova classe trabalhadora brasileira”, especificamente do universitário/batalhador/empreendedor objeto deste estudo.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste paper é realizar uma análise das disposições acionadas por universitários/trabalhadores de uma instituição de ensino superior privada da Cidade do Rio de Janeiro ao articular a busca de mobilidade social e profissional à rotina de “batalhadores” (Souza, 2010). Considerando a multiplicidade de abordagens possíveis, optamos por analisar como ex-alunos do centro universitário ao qual somos vinculadas lidam com os desafios de inserir-se/recolocar-se no mercado de trabalho utilizando o empreendedorismo como foco de análise.

Os três entrevistados, um homem e duas mulheres com idades de 41, 40 e 26 anos, cursaram recentemente Marketing, Jornalismo e Direito (trancado em virtude de mudança de cidade, mas a graduação anterior – Enfermagem – foi cursada na mesma instituição). Um dos entrevistados retornou por ter sido agraciado com uma pós-graduação pelo bom desempenho durante o curso (premiação que vem sendo oferecida aos estudantes que se destacam pelo alto coeficiente de rendimento). Os empreendimentos criados por estes jovens são: uma plataforma de consultoria de marketing e gestão; uma assessoria que presta agenciamento literário a escritores independentes; e uma loja virtual de moda praia com peças de criação própria que atua nos segmentos feminino, masculino, infantil e plus size.

O propósito é refletir sobre como 3 ex-alunos reuniram formação, vocação e oportunidade para criar e conduzir seus novos empreendimentos. A aproximação destes ex-alunos que buscaram dentro deste cenário de dificuldades e “batalhas” como trabalhos em tempo integral e estudantes de cursos noturnos (predominante na instituição) tem por objetivo investigar os processos de socialização e a aquisição de um patrimônio de disposições que passa a orientar suas ações como um senso prático durante toda a sua vida. Isto possibilitará perceber como as disposições individuais são construídas e atualizadas em contextos específicos.

## 1. JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA: UM PERFIL DA “NOVA CLASSE TRABALHADORA BRASILEIRA”

Tradicionalmente, a fase universitária é associada a um recorte etário específico – a juventude. Apesar da identificação a uma faixa etária singular, a nossa preocupação neste artigo se refere de forma mais efetiva a esta etapa como uma construção social que pode, em certas circunstâncias ultrapassar a delimitação etária. Nesse sentido, pode-se entender a etapa universitária como um momento em que experiências culturais específicas e condutas próprias à fase jovem, caracterizada por Barbosa (2012) como de rebeldia e mudanças físicas, psicológicas e emocionais. Considerando que, sobretudo em cursos noturnos de universidades públicas e privadas ou em centros universitários indivíduos com idades as mais diversas (jovens-adultos, adultos, idosos) convivem com jovens entre 17 e 29 anos, adotando, muitas vezes, seu modo de vida, práticas sociais e discurso.

A juventude como construção social é comumente entendida como uma fase de transição, de descobertas, prazer e liberdade, vivenciadas através do “erro, (...) experimentações, (...) hedonismo, (...) irresponsabilidade, irreverência e questionamento” (GONÇALVES, 2014, pág.79)<sup>1</sup>.

É possível buscar parâmetros homogêneos para esta fase ou singularizá-la, analisando-a sob o ponto de vista geracional, isto é, relativo à identificação de um grupo através do período de nascimento, experiências compartilhadas, comportamento, padrões de consumo de mercadorias e de cultura, classificando-a através das designações *Baby Boomers*, geração X, geração Y e geração Z (ZEMKE ET AL, 2000 apud GONÇALVES, 2014).

O desenvolvimento da indústria cultural e de um mercado de consumo voltado para este grupo tem consolidado desde os anos 1960 uma visão romântica da juventude, vista como momento de ruptura e rebeldia necessários à formação do indivíduo. Somando-se a isto, os avanços no campo dos costumes e da tecnologia nas últimas décadas, tem-se na juventude das gerações Y e Z paradigmas anteriormente experimentados de forma incipiente ou ainda não vistos nas gerações prévias:

---

<sup>1</sup> Para uma discussão aprofundada a respeito das características da juventude e dos jovens, conferir Gonçalves (2014) capítulo 3 “Juventude, Jovens e os Jovens da “Nova Classe Média”.

Os jovens de 18 a 29 anos são os novos formadores de opinião dentro de suas famílias e estão muito mais informados do que seus pais, são menos conservadores do que eles (sobretudo em questões sexuais e religiosas) e começam a ter uma grande força eleitoral. São também os filhos da internet, da comunicação global e têm ideias próprias sobre a política e a sociedade. Em alguns casos são eles que estão ajudando seus pais a usar o computador para que possam ter uma conta no Facebook, fazer compras ou pagar contas e enviar e-mails aos amigos. (GONÇALVES, 2014, p.81)

Com maior escolaridade, maiores salários e maior domínio dos meios digitais do que as gerações anteriores, os jovens das gerações Y e Z (18 a 29 anos), de um modo geral, buscam no mercado de trabalho mais liberdade, flexibilidade e independência, alinhando suas atividades profissionais às perspectivas ideológicas que compartilham e buscando ganhos monetários que financiem seu modo de vida e seu lazer: “Os membros desta geração, por serem mais independentes, preferem trabalhar sozinhos e possuem a vantagem de lidarem habilmente com as novas tecnologias, compartilhar informações e a estarem em contato com as pessoas no ambiente virtual.” (GONÇALVES, 2014, p.78).

Parte desta juventude compõe também o que Souza (2010, p.25) chama de “nova classe média (trabalhadora)”

abandonada social e politicamente, constitui uma classe inteira de indivíduos não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação.

Esses jovens trabalham para obter o sustento, mas também para ajudar a família; estuda à noite, a fim de adquirir um pouco do capital cultural necessário à ascensão social e, muitas vezes, têm um pequeno empreendimento informal de “fundo de quintal”, que caracteriza este grupo como, “uma pequena burguesia de novo tipo’ representada pelo batalhador/empreendedor” (SOUZA, 2010, p.56). Esta “nova classe trabalhadora” está posicionada “entre a “ralé” e as classes média e alta, é uma classe incluída nos sistema econômico como produtora de bens e serviços valorizados, ou como consumidora crescente de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio ds classes média e alta”. (SOUZA, 2010, p.25).

Embora o perfil dos jovens e estudos como o de Souza (2010) indiquem o consumo de bens não duráveis como a principal meta desta “nova classe trabalhadora”, pesquisas como a realizada pelo Data Popular (2014 apud GONÇALVES, 2014)

apontam a educação como um dos principais investimentos realizados por jovens entre 16 e 24 anos, o que demonstra uma visão de futuro na construção de trajetórias no mercado de trabalho.

A instituição de ensino superior à qual os entrevistados estiveram vinculados tem em seu corpo discente um número significativo de estudantes com o perfil apontado até aqui e um número crescente a cada semestre se envolve como empreendedorismo, visto por estes jovens como um caminho adequado às suas expectativas e perfil para acessar posições sociais e conquistar a autonomia que buscam.

## 2. EMPREENDEDORISMO E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Empreender ou não Empreender? Eis o dilema daqueles que fazem parte ou estão entrando no mercado de trabalho.

O empreendedorismo vem alcançando visibilidade, tornando-se um método e um campo de estudos cada vez mais acionado e debatido nos circuitos empresariais e sociais. A academia também tem sido um espaço de reverberação do estudo e da mentalidade empreendedora. Evidência disto é sua presença nos currículos de diversas universidades<sup>2</sup>.

Alternativa aos rumos do desenvolvimento econômico global; proposta de organização de trajetórias acadêmicas ou profissionais; opção para o incremento do desenvolvimento local e comunitário, o empreendedorismo se apresenta a partir de diversas perspectivas, convergindo estas modalidades, no entanto, para a busca de uma resposta, de uma maneira de enfrentar os impasses colocados pelas transformações ocorridas nas últimas décadas no interior do Sistema Capitalista. A flexibilização do trabalho e a competição cada vez maior por um número reduzido de vagas nas posições mais qualificadas tem levado um número cada vez mais significativo de indivíduos a buscar o empreendedorismo como opção de carreira. De acordo com o Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2018, p.36), a maior taxa mundial de empreendedorismo entre todas as modalidades de desenvolvimento de negócios (estágio inicial, negócio estabelecido etc.) concentra-se nas faixas etárias 25 a 34 anos e 35 a 44

---

<sup>2</sup>Alguns exemplos: Universidade Veiga de Almeida: Empreendedorismo; UNISUAM: Empreendedorismo e Cooperativismo, Projeto Integrador; UNICARIOCA: Liderança, Criatividade, Empreendedorismo; Castelo Branco: Empreendedorismo, Inovação e Competitividade; PUC-Rio: Empreendedorismo; Estácio: Liderança e Coaching.

anos. Na América Latina, a concentração da atividade empreendedora está nas faixas 35 a 44 anos (20,6%) e 45 a 54 anos (17,9%). A América Latina também concentra as maiores taxas de empreendedorismo feminino (16,7%), seguidos da América do Norte (12,8%) e da Europa (6,1%).

É uma questão intimamente relacionada à cultura de uma sociedade. Trata-se de uma mentalidade que nasce no século XVIII entre economistas franceses e ingleses e, atualmente, se amplia, incorporando oportunidade, inovação e comportamento como requisitos fundamentais.

A constatação de Chiavenato (2007) de que a origem desta discussão remonta aos economistas do século XVIII e XIX é indicativa das repercussões que apresenta na atualidade. De acordo com o autor:

O empreendedorismo tem sua origem na reflexão de pensadores econômicos do século XVIII e XIX, conhecidos defensores do *laissez-faire* ou liberalismo econômico. Esses pensadores defendiam que a ação da economia era refletida pelas forças livres do mercado e da concorrência. O empreendedorismo tem sido visto como um engenho que direciona a inovação e promove o desenvolvimento econômico. (...) Para Cantillon, o empreendedor (*entrepreneur*) era aquele que adquiria a matéria-prima por um determinado preço e a revendia a um preço incerto. Ele entendia que, se o empreendedor obtivesse lucro além do esperado, isso ocorreria porque ele teria inovado. Desde o século XVIII, o autor já associava o empreendedor ao risco, à inovação e ao lucro, ou seja, ele era visto como pessoa que busca aproveitar novas oportunidades, vislumbrando o lucro e exercendo suas ações diante de certos riscos (CHIAVENATO, 2007, p.5).

Esta perspectiva inicial já apresenta os elementos fundamentais a partir dos quais os desenvolvimentos posteriores vão se organizar: a atitude empreendedora como resultado de uma conjugação de fatores – ambientais, sociais e individuais - e os elementos sobre os quais se assentam os alicerces do movimento empreendedor – oportunidade, risco, transformação da realidade inicial, inovação.

Empreendedorismo é um termo amplo que se presta a diversos propósitos: denota o propósito de abrir um negócio a fim de alcançar autonomia financeira; significa inovar, transformar o mercado ao apresentar um produto/serviço/processo inédito ou melhorado, buscando resolver problemas ou otimizar procedimentos; refere-se, também, à necessidade de ampliar e desenvolver a economia, proporcionando novas oportunidades de negócios e empregos; diz respeito, de igual modo, ao desenvolvimento de capacidades, habilidades e o desenvolvimento de um certo “espírito” (Dando asas ao espírito empreendedor).

Uma outra perspectiva para o empreendedorismo – a ideia de mobilidade e promoção social através do autoemprego – tem sido levantada por alguns estudiosos. Ao associar o empreendedorismo à possibilidade de incorporar camadas e territórios depauperados à sociedade, poder público e terceiro setor incentivam a prática como possibilidade de integração à dinâmica da economia<sup>3</sup>.

No campo educacional, o empreendedorismo tem sido um recurso retórico e prático para atrair e reter alunos.

No Centro Universitário localizado na região da Zona da Leopoldina, fonte dos dados analisados e instituição à qual somos vinculadas, o Empreendedorismo é parte da grade curricular do ciclo básico desde 2009. Inicialmente sob a responsabilidade do Curso de Serviço Social, quando adotava uma perspectiva acadêmica e focada em projetos sociais, gradativamente foi sendo conduzida a um viés mercadológico ao passar, em 2013 para a chancela de um núcleo extensionista criado com o propósito de oferecer capacitação e apoio a empreendedores.

Sob esta perspectiva, a proposta da disciplina envolvia “*startar*” os alunos, apresentando-os à mentalidade empreendedora e a instrumentos de geração e desenvolvimento de ideias inovadoras. A capacitação inicial visava a identificação de indivíduos e projetos com potencial para a inserção no núcleo empreendedor com o fim de participar da incubação e aceleração de suas propostas. Esta orientação teve como ponto alto a realização de 4 edições do Meeting Empreendedor<sup>4</sup>: evento de imersão na geração e desenvolvimento de uma ideia, com a finalidade de lançá-la no mercado, estabelecendo uma startup que durava um final de semana com a finalidade de proporcionar aos estudantes que já haviam passado pela disciplina planejar e formatar projetos com potencial para lançamento no mercado. Os envolvidos nos projetos passavam por mentorias e capacitações competindo por premiações institucionais (bolsas de estudo e de pós-graduação) e a oportunidade de apresentar talentos e criações para convidados externos.

Os jovens e adultos que ingressam nesta instituição têm à sua escolha mais de 30 os cursos presenciais, semi-presenciais e em sistema flex, além das pós-graduações *lato*

---

<sup>3</sup> No Rio de Janeiro, por exemplo, trabalhos como os de Mesquita (2014), por exemplo, apontam o estímulo ao empreendedorismo como possibilidade de integração dos moradores de favelas à dinâmica da economia de serviços da cidade turística.

<sup>4</sup> Na edição 3 do evento um profissional da área de desenvolvimento de novos produtos da Samsung participou como jurado do Meeting. A perspectiva era a de que ele levasse para a empresa projetos na área de tecnologia digital que apresentassem um efetivo potencial de desenvolvimento, o que acabou não acontecendo.



*sensu e strito sensu*, espalhados em 5 unidades, a principal localizada na região da Leopoldina e as demais em 3 bairros da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Os dados sobre perfil dos vestibulandos e corpo discente da instituição para o segundo semestre de 2018 foram fornecidos pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico e reunidos a partir de um questionário sociocultural com 26 questões aplicado via sistema interno da instituição com o objetivo de traçar o perfil dos interessados em ingressar no centro universitário.

No segundo semestre de 2018, 1.387 se candidataram a vagas nos cursos oferecidos pela instituição e 732 deles (53%) tiveram suas matrículas efetivadas. Entre os vestibulandos, 61% procuraram o centro universitário porque amigos e conhecidos indicaram e/ou recomendaram. Quanto à situação profissional, 74,9% estão trabalhando e destes 34,7% ajudam financeiramente suas famílias, enquanto 27,2% são responsáveis pelo sustento de suas casas. Os principais segmentos nos quais estes candidatos trabalham são o de vendas, 24,5% e saúde, 18,7%. Estes dados corroboram o perfil eminentemente noturno das atividades institucionais, mas também explica a presença ainda marcante dos cursos da área de saúde no período diurno.

A renda bruta familiar concentra-se na faixa R\$1.001,00 a R\$3.000,00, reforçando a imagem da “nova classe trabalhadora” que buscamos demonstrar para este público. Como região de moradia as Zonas Oeste (43,4%) e Norte (38,7%) são predominantes. A escolha da instituição certamente foi motivada pela proximidade com os bairros de residência.

Em 2018.2, o total de alunos com matrícula ativa é de 21.540. Os jovens e adultos que ingressaram no centro universitário em 2018.2 se matricularam, principalmente, na unidade principal (64,90%), procurando entre outros, 3 cursos que se mantêm nas primeiras posições em número de aluno há pelo menos 3 semestres: Direito (10,45%), Administração (8,81%) e Engenharia Civil (6,38%), predominando a frequência noturna. A média de idade é de 28 anos e as mulheres compõem maioria (56%).

Pesquisa realizada por Gonçalves (2014) revela aspectos relevantes no perfil acadêmico dos alunos do curso de Administração da instituição em análise. Algumas observações podem ser estendidas a um conjunto mais amplo de estudantes<sup>5</sup> da

---

<sup>5</sup> A experiência de uma das autoras com disciplinas do ciclo básico de todos os cursos da instituição possibilita replicar as observações de Gonçalves (2014) em outros contextos.

instituição e os dados apresentados acima corroboram o argumento, como: a dificuldade de conciliar trabalho e estudo; a falta hábito e de tempo para dedicar-se de forma sistemática ao estudo; a falta de vivência acadêmica, que inclui a participação em atividades extra-classe (seminários, palestras, projetos de pesquisa e extensão). Isto tem reflexos no comportamento dos estudantes em relação ao seu papel e compromisso com a vida acadêmica. São recorrentes os relatos de professores da instituição que resumem a percepção de que os estudantes buscam ao máximo otimizar o tempo dedicado ao curso, seja lançando mão de resumos, notas de aula e slides disponibilizados pelo professor como material de estudo; demandando do professor a realização de exercícios específicos e a indicação dos tópicos que efetivamente serão cobrados nas avaliações; ou, ainda, especializando-se em tarefas específicas na consecução das atividades discentes (digitação de trabalhos, pesquisa, elaboração dos textos, apresentação oral).

O uso das mídias sociais é um facilitador na consecução destas estratégias e a realidade é que muitos dos estudantes teriam uma enorme dificuldade ou estariam até mesmo impossibilitados de cursar e concluir suas graduações sem lançar mão destas estratégias<sup>6</sup>.

A vida universitária se torna, também, locus para o estabelecimento de relações sociais e de sociabilidade (amizades, namoros). O tempo para o lazer e para fazer novas amizades se torna escasso em virtude da dupla jornada, trabalho/estudo e a realização de trabalhos em grupo, a liberação antes do horário de término da aula, o final do semestre acabam se tornando momentos de ampliação e reforço dos laços sociais que vão sendo construídos desde a entrada na faculdade.

Diante deste quadro, alguns estudantes vêm buscando, ao longo dos últimos anos, transformar suas “batalhas” e dificuldades cotidianas em oportunidades para a realização de suas metas profissionais sob um enfoque empreendedor.

---

<sup>6</sup> Para uma exposição mais detalhada destas estratégias e de como são acionadas pelos alunos do curso de Administração do centro universitário, conferir Gonçalves (2014, capítulo 3).

### 3. DAS DISPOSIÇÕES: TRÊS JOVENS BUSCANDO FAZER A DIFERENÇA NOS SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO

Neste ponto, buscamos verificar empiricamente os recursos dos quais os jovens universitários lançam mão para transformar sus esforços em resultados práticos rapidamente. Faremos isto acompanhando as disposições que motivam as trajetórias de três jovens no desenvolvimento de seus projetos empreendedores.

A teoria da disposição tem uma relevância neste tipo de análise porque possibilita levantar não apenas as convergências entre as experiências dos jovens da “nova classe trabalhadora”, mas compreender como alguns deles incorporal o rol de disposições que formam sua base de ação, o que torna suas trajetórias singulares.

Lahire (2005) propõe um olhar mais atento em relação à diversidade de experiências de socialização a que um mesmo ator é submetido (mais ou menos precoces, intensas, sistemáticas e coerentes entre si), ao caráter plural ou mesmo contraditório das disposições assim constituídas (mais ou menos fortes, estáveis e transferíveis) e à multiplicidade dos contextos de ação (nem sempre passíveis de serem descritos como um campo).

Fundamentalmente, o argumento de Lahire é o de que é necessária uma análise empírica mais detalhada, por um lado, dos processos de socialização por meio dos quais as disposições são incorporadas e, por outro, dos contextos de ação, nos quais parte do passado incorporado é reativada.

Quando se toma um individuo como objeto sociológico, a realidade mostra-se bem mais complexa. Esse raramente poderia ser tomado como representante de um único grupo ou categoria social. Ao contrário, ao longo de sua trajetória, os indivíduos tenderiam a viver, em diferentes espaços sociais, experiências múltiplas, em alguma medida incoerentes ou mesmo contraditórias, que os constituiriam como seres plurais, portadores de um patrimônio de disposições diversificado, não unificado.

Não bastaria, por exemplo, identificar a presença ou ausência de pais com capital cultural elevado. Seria preciso identificar se esse capital encontra as condições de sua transmissão no interior da configuração familiar em que o indivíduo está inserido e da qual fazem parte, não apenas os pais, mas irmãos, tios, avós, entre outros. Seria necessário considerar ainda outros elementos, como as práticas cotidianas de escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, os modos de exercício

da autoridade, as práticas familiares de escolarização, que se apresentam de forma diferenciada em cada família, que interferem no processo de socialização de cada indivíduo e que repercutem em sua relação com o mundo escolar.

Desse modo, os aspectos mais singulares de uma realidade individual poderiam e deveriam ser analisados como fenômenos socialmente produzidos. Assim, a realidade individual caracterizar-se-ia justamente pela combinação de múltiplas propriedades, mais ou menos coerentes, constituídas em função da participação do indivíduo, simultaneamente ou não, em diferentes universos sociais.

Os entrevistados apresentaram durante o curso, um desejo de se desenvolver enquanto acadêmicos e profissionais, buscando interagir com professores, demonstrando liderança e proatividade nas tarefas realizadas

A entrevista evidenciou que no que se refere à socialização e à construção de hábitos de estudo e leitura, dois dos entrevistados tiveram a família nuclear e extensa próxima como redes de apoio e exemplos de ação, apesar do predomínio do ensino fundamental na escolaridade dos pais de todos eles.

Um deles teve nos pais, tios, primos e avós não apenas apoio emocional e incentivo, como também financeiro para a concretização dos planos de estudo e empreendimento. Outro ainda teve o apoio da mãe durante os anos iniciais de estudo, o que a preparou para se tornar uma aluna aplicada e de bom desempenho, e na avó o elo que mantinha a família coesa. Um dos ex-alunos foge deste padrão por não ter contado com a presença dos pais em sua vida no período de passagem da infância para a juventude. Enquanto dois dos entrevistados contaram com o apoio constante das mães, acompanhando e auxiliando nas dificuldades escolares, este último revela não ter contado com nenhum incentivo para desenvolver hábitos de leitura ou no desenrolar de da vida estudantil.

Para dois dos jovens fica evidente o investimento e a importância da família na formação, nos exemplos e no apoio que tiveram na trajetória acadêmica e profissional, o que pode ser constatado nas falas a seguir:

Tias, tios, primos e meus pais sempre me apoiaram e incentivaram. Também auxiliaram financeiramente para que eu pudesse concluir meus estudos (...) A minha família sempre incentivou a leitura e desenvolvi esse hábito desde muito nova.

Sempre fui boa aluna, dedicada e com boas notas (...) Minha mãe sempre foi muito presente. Sentava para estudar comigo.

Os depoimentos mostram que as influências e a socialização nestes dois casos foram coerentes entre si e apresentaram constância: família coesas no apoio, incentivo, estímulo para o desenvolvimento de uma trajetória escolar que ultrapassasse as possibilidades que os pais tiveram durante a sua própria formação.

Em um dos casos esta trajetória sofre uma ruptura no final da infância, pois aos 10 anos um dos entrevistados foi enviado a uma instituição de abrigamento de crianças e adolescentes sem família. Seu relato demonstra uma realidade completamente diferente: “Não tive incentivo para ler, estudar, desenvolver habilidades e hábitos, ou alguém para se espelhar em virtude da ausência de convivência familiar no período da adolescência.”

Apenas um dos entrevistados teve contato com empreendedores antes da vida adulta: “Meu pai tinha uma transportadora. Meu tio tinha uma gráfica”.

As experiências e incentivo familiar, ou sua ausência, foram fundamentais na vida destes jovens pois contribuíram para formar neles um senso de autonomia e de busca de alternativas para sua trajetória profissional que ultrapassassem as opções de mercado disponíveis (ou em certos momentos escassas, como eles mesmos evidenciam).

Fica claro nas conversas informais a disposição de vencer obstáculos e dificuldades no plano pessoal e profissional a fim de construir uma carreira promissora e próspera, não apenas para eles mesmos mas também para aqueles que eles podem impactar, seja sob o ponto de vista financeiro ou simbólico.

Eu fui mãe na adolescência (16 anos), o que acabou retardando um pouco a minha primeira formação (Enfermagem). Minha família tem uma origem humilde, e só cursei a universidade após meu casamento, com o apoio do meu marido. Hoje estou na minha segunda graduação (Direito), porém tranquei a matrícula, porque saí da cidade do Rio de Janeiro, por motivos pessoais.

Além de jornalista, sou escritora. E ao me deparar com várias dificuldades e opções para publicar o meu primeiro livro, (...), precisei buscar todas as maneiras possíveis para ingressar no mercado literário. O caminho é longo e muitas perguntas surgem no decorrer do trajeto, com isso, resolvi criar a (...) Assessoria para ajudar escritores, assim como eu, nessa jornada.

Sai da (instituição na qual estive abrigado durante a adolescência, nota das autoras) e fui trabalhar e me estabeleci em uma agência de publicidade, aos 38 anos me vi desempregado então resolvi começar uma faculdade de marketing, o qual me dediquei pois entendia que só com qualificação iria dar a volta por cima.

Uma origem difícil, desemprego, dificuldades na consecução de projetos, os motivos e as disposições acionadas para trilhar a rota do empreendedorismo são distintas, mas a reativação do passado como estratégia está presente, seja no desejo de romper completamente com um passado de ausências ou revivendo as trajetórias do pai e do tio empreendedores.

As disposições mais recentes também são importantes para estes três jovens na decisão que tomaram de se lançarem no mercado de forma independente, colocando seus projetos em funcionamento. Os três destacam a faculdade e a vivência universitária – contato com colegas empreendedores, incentivo de professores – como um despertar para a real possibilidade de transformar suas paixões, inquietações e planos profissionais em empreendimentos. Os relatos sobre por que empreender e o motivo da área escolhida são esclarecedores: “Para ajudar pessoas a solucionar os mesmos problemas que eu enfrentei no mercado literário.” Ou “no meu caso, consultoria de marketing e comunicação, não dependeria de terceiros, pelo menos no início.”

A faculdade foi também um espaço de descoberta e abertura de horizonte, onde encontraram pessoas que reconheciam os problemas apontados por eles como reais, onde tiveram contato com pessoas que enfrentavam as mesmas dificuldades e lutas e, ainda assim, empreenderam e onde tiveram oportunidade de apresentarem e validarem suas ideias, na disciplina Empreendedorismo:

Eu sempre tive uma veia empreendedora, porém fazia isso para os outros, nas empresas dos outros, então resolvi empreender por minha empresa, pois seria muito mais lucrativo e satisfatório. (...) Primordial [Empreendedorismo na grade curricular], mudou a história da minha vida, organizou as minhas ideias, eu hoje dou um treinamento chamado CANVAS, para todas as empresas que dou consultoria, adaptei esse método para qualquer área e produto que a empresa venha lançar, esse método aprendi em empreendedorismo.

Só foi possível estruturar melhor o projeto depois que conclui a faculdade. A disciplina de empreendedorismo me ajudou bastante a construir e desenvolver a minha ideia, mas somente após a minha formatura que foi possível estruturar melhor o que eu gostaria de fazer. (...)A matéria de empreendedorismo fazia parte da minha grade do 2 período, adiei até o 8º

porque achava que a matéria seria chata. Me enganei completamente! Amei a disciplina, fiz bons amigos e amei a professora, a maneira como as atividades eram desenvolvidas. Ainda pude perceber como a minha vontade de ajudar outros escritores poderia realmente virar um negócio pós faculdade.

O Empreendedorismo surgiu durante o curso da disciplina de Empreendedorismo e Cooperativismo, na segunda graduação. Eu estava desempregada, e com as atividades em sala de aula, foi despertado esse desejo e então, surgiu a ideia. (...) A disciplina é de extrema importância. Quando bem lecionada, tem o poder de despertar nos alunos o desejo e a aptidão que nem eles mesmos sabiam que tinham em si.

É interessante constatar que a faculdade foi um espaço de retomada do rol de disposições trazidas pelos entrevistados de seus processos tão distintos de socialização. Este foi, também, um local de aquisição de novas disposições que estão ajudando estes jovens da “nova classe trabalhadora” a ultrapassar sua situação de batalhadores e alcançarem um patamar de maior autonomia e controle de suas trajetórias profissionais e de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociologia à escala individual proposta por Lahire (2005) possibilita investigar como a socialização impacta e é reproduzida por atores sociais específicos e acionada como recurso nas diversas situações sociais em que estes atores se encontram.

Os três empreendedores apresentados neste trabalho refletem como as disposições podem ser acionadas na superação de uma origem social em que os pais não dispunham de oportunidades para investir em si mesmos e através lutas, batalhas têm experimentado uma mobilidade significativa para seus filhos, tanto sob o ponto de vista acadêmico, quanto profissional.

Os depoimentos finais relativos à visão de futuro da carreira profissional e a permanência ou não do empreendedorismo como opção de carreira, são significativos ao revelarem a disposição para o risco e o otimismo em relação ao que está por vir:

No meu caso começou como temporário, hoje é um estilo de vida, hoje é a receita da minha família e de pelo menos mais 10 famílias.

Como carreira Profissional. Após iniciar o empreendimento, já fiz cursos na área e tenho buscado me aperfeiçoar, e investir mais, mesmo diante da crise econômica que estamos atravessando em nosso país.

Vejo o empreendedorismo como carreira profissional, uma vez que o mercado de trabalho está cada vez mais decadente. A inovação empreendedora tem conquistado o mercado a cada dia e uma boa ideia pode render bons frutos.



## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. 2008. 'Juventude E Empreendedorismo: Uma Abordagem Das Novas "Subjetividades Executivas"'. **Desigualdade E Diversidade** 3. <https://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Ban>
- AMÂNDIO, Sofia Lai. O fio constitutivo da sociologia empírica de Bernard Lahire. **Sociologia: Problemas e Práticas**: nº 76, 2014.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo – Dando asas ao espírito empreendedor**. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.
- GONÇALVES, Patricia da Rocha. **Cardápio do dia: consumo alimentar entre jovens da "nova classe média"**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2014. 160p.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Global Report 2017/18**. GERA, Londres, 2018.
- LAHIRE, Bernard. Patrimónios Individuais De Disposições: para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas E Práticas**, n.º 49, 2005, pp. 11-42
- MESQUITA, Wania. Quando o trabalho é desordem: As demandas dos vendedores ambulantes com a chegada da UPP ao Complexo do Alemão. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social** - Vol. 7 - no 4 - OUT/NOV/DEZ 2014 - pp. 685-702.
- Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire. **Educação. Pesquisa**. vol.30 no.2 São Paulo May/Aug. 2004.